

[ARTIGO]

**Leone, Natália e Carlo:  
trajetória e memória na Escola do  
historiador Ginzburg**

Caroline Souza Silva<sup>1</sup>

Ivaneide Barbosa Ulisses<sup>2</sup>

**INTRODUÇÃO**

Trataremos da trajetória intelectual do historiador Carlo Ginzburg. Nesse sentido, inserimo-nos na história intelectual, tomada em sentido bem estrito, isto é, como a construção de si (autor/pesquisador) abordada a partir de relações e vivências de Carlo Ginzburg, ligadas e entrelaçadas ao passado e ao presente do historiador, seja na universidade, seja na sua família. Isto porque percebemos que com a trajetória de sua elaboração enquanto intelectual (mais não só), nos remete a compreender métodos, teorias e propostas historiográficas escolhidas pelo autor, assim demarcamos, o que De Certeau (2011) denomina o que todo intelectual não se deixa de ter: um “lugar social”.

Percebemos, logo, documentos para encontrar caminhos de estudo sobre a formação de Carlo Ginzburg, desde criança até adulto, pois pareceu nos fornecer insights valiosos para a interpretação e identificação

---

<sup>1</sup> Possui graduação em História pela Universidade Estadual do Ceará (2021), atualmente é Mestranda em Ciências Sociais e Humanas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: carolline.souza07@gmail.com

<sup>2</sup> Possui graduação em História pela Universidade Estadual do Ceará (1998), mestrado em História pela Universidade Federal do Ceará (2004) e doutorado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (2016). Atualmente é professor assistente da Universidade Estadual do Ceará. Email: ivaneide.ulisses@uece.com.br

de temas recorrentes em suas escolhas, envolvendo a profissão bem como suas pesquisas desenvolvidas.

Foram utilizadas entrevistas do Historiador disponibilizadas em plataformas digitais. As entrevistas encontram-se online, dispostas em acervos de universidades e revistas acerca da vida pessoal de Carlo Ginzburg e de sua carreira. Nesse artigo, elas servem para adentrar em alguns aspectos sua vida antes do mesmo ser historiador e perceber, em seu vivido, a definição de suas trajetória de vida e de intelectual.

### **LEONE GINZBURG: RESISTÊNCIA E LUTA CONTRA O FASCISMO**

Os pais de Carlo Ginzburg, ambos judeus, marcaram as decisões e escolhas do filho. Segundo o historiador, seu pai atuava em 1930, como professor de literatura russa na universidade de Turim, Leone fez/fazia parte da resistência Italiana antifascista.

Leone Ginzburg nasceu em Odessa e provinha de uma família Judaica, que posteriormente se muda para Turim, tem sucesso em seus estudos e quando chega a maior idade, procura estabelecer sua cidadania Italiana, um dos requisitos importantes para sua ação política posterior. Em 1932, Leone ganha uma bolsa para Paris, e nesta viagem, se junta ao movimento antifascista clandestino. Quando volta para a Itália decidi criar um grupo: *torinese di Giustizia e libertà*<sup>3</sup>. Nesta conjuntura, Leone Ginzburg torna-se professor de literatura russa, entretanto, acaba renunciando ao cargo, onde segundo a matéria no site Federalisti europei da ricordare, escrita pelo historiador Saputo: “(...) quando o regime decide exigir o juramento de fidelidade também dos professores, não hesita em optar pela renúncia definitiva à atividade acadêmica - apesar das brilhantes perspectivas dessa carreira” (Saputo, Federalisti europei da ricordare, 2019, tradução livre).

Em 1934, Leone é preso pela primeira vez com todos que faziam parte do seu grupo. Libertado dois anos depois, perdeu sua cidadania italiana, tornando-se apátrida. Esta seria apenas uma das prisões que ele seria submetido.

Em 1940, ano em que a Itália inicia sua participação na segunda guerra mundial, Leone é preso novamente, levando agora o título de “prisioneiro de guerra civil” sendo livre em 1943. Neste momento, volta a ter contato com grupos e a participar de reuniões possivelmente por demonstrar interesse no combate ao fascismo e entendimento, acaba ganhando confiança dos grupos, como conta Saputo:

---

<sup>3</sup> (Tradução livre) Justiça e Liberdade de Turin.

A estima e a confiança nele são tamanhas que, a partir de 8 de setembro, lhe foi confiada a gestão do jornal clandestino "L'Italia Libera", publicado em Roma. Na capital, onde também recebeu a incumbência de dirigir o escritório romano de Einaudi, vive com o nome falso de Leônida Gianturco (Saputo, *Federalisti europei da ricordare*, 2019, tradução livre).

No final de 1943, Roma encontrava-se ocupada pelos alemães e Leone, mais uma vez acaba preso na redação do jornal onde trabalhava. Sendo sua identidade descoberta, é torturado, e em 5 de fevereiro, é encontrado morto. Carlo Ginzburg tinha 5 anos quando da morte do pai: "Eu nunca tive nenhum tipo de envolvimento comparável ao dele e nem tive comprometimento político, mas como um exemplo, ele foi muito importante" (Ginzburg, 2011).

Ginzburg problematiza questões políticas que evoca o fato de ser judeu: "Sou um judeu nascido e crescido num país católico; nunca tive educação religiosa; minha identidade judaica é em grande parte fruto da perseguição." (Ginzburg, 2001, p.12) O historiador a partir dessa descendência judia, rememora em boa parte, questões vivenciadas em seus trabalhos e pesquisas. O historiador Durval Muniz nos aponta relações entre perseguidos da feitiçaria e judeus:

A hostilidade camponesa em relação à feitiçaria era semelhante ao antissemitismo popular. A situação dos indivíduos acusados de bruxaria podia ser comparada à dos judeus perseguidos. A Inquisição se ocupava tanto do combate à bruxaria, como de todos aqueles indivíduos acusados de praticar ritos e professar crenças judaizantes. Não é difícil supor, portanto, que a inegável solidariedade de Ginzburg, o seu olhar generoso em relação àqueles homens e mulheres que na Europa pré-industrial foram acusados de bruxaria e feitiçaria, nasce de seu pertencimento a um grupo étnico que foi vítima ao longo da história de perseguições, genocídios, acusações e suspeitas de toda ordem (Muniz, 2009, p.47).

Assim, o professor Durval acredita que nas discussões feita por Carlo Ginzburg, elementos como o holocausto, a discriminação de judeus pelos nazistas e a morte de seu pai, aparecem como argumento para o combate do que o historiador Italiano considera serem posturas relativistas pós-modernas, irracionalistas que colocam em dúvida o que chama de princípio da realidade na história, onde se tem uma possibilidade de aceitação das teses negacionistas, das versões revisionistas em relação a este evento monstruoso para qualquer judeu (Durval, 2009).

**NATALIA GINZBURG: MÃE, PROFESSORA E ESCRITORA**

Em 1938, Leone se casou com Natalia Ginzburg que se tornaria uma das grandes vozes femininas da literatura italiana do século XX. De origem judaica, seu pai, o intelectual Giuseppe Levi, era professor de histologia e manifestava ter sucesso na profissão. Segundo Ginzburg, “três dos alunos de meu avô receberam o prêmio Nobel, o que é um número significativo” (Ginzburg, 1990, p.2).

A professora inicia seus escritos em 1930, suas obras foram traduzidas em vários países incluindo o Brasil. Natalia faz parte de uma geração marcada pelo signo da censura vivida na Europa, pelo posicionamento político antifascista que já se encontrava no pai e, mais tarde, continuaria ao lado do marido Leone Ginzburg. Sobre sua escrita, Patrícia Peterle afirma:

A narrativa de Natalia Ginzburg, apesar da sua singularidade, acompanha os movimentos tortuosos das manifestações artísticas do entre guerras e do crucial período posterior à década de 1940. Memórias, ensaios, uma prosa ou um texto teatral revigorante, uma escritura nítida preocupada com as ações e os gestos cotidianos. [...] Preocupações íntimas, mas também relacionadas à essência do ser humano, perfiladas pelo toque e pela sensibilidade do seu olhar e testemunho (Peterle, 2012, p. 333).

A suas narrativas demonstram está relacionada com sua trajetória, temáticas que envolvem sofrimento, dor física e existencial. Precisamos lembrar o cotidiano ao qual estava inserida, vivendo em combate ao fascismo, como já explicitado junto ao pai, marido e amigos, sob a perseguição, tendo uma vida de mudanças, sendo uma delas a morte do marido, Natalia demonstrava sua dor através da escrita, como o admirável poema de despedida escrito em memória de Leone Ginzburg:

Os homens vêm e vão pelas ruas da cidade. Eles compram comida e jornais, mudam para negócios diferentes. Seus rostos são rosados, seus lábios vivos e cheios. Você ergueu o lençol para olhar o rosto dele, abaixou-se para beijá-lo com um gesto habitual. Mas foi a última vez. Era o rosto de sempre, só que um pouco mais cansado. E o vestido era o mesmo de sempre. E os sapatos eram os mesmos de sempre. E foram as mãos que partiram o pão e serviram o vinho. Hoje, mesmo com o passar do tempo, você levanta o lençol para olhar o rosto dele pela última vez. Se você anda pela rua, ninguém está ao seu lado, se você está com medo, ninguém pega sua mão. E a rua não é sua, a cidade não é sua. A cidade iluminada não é tua: a cidade iluminada é dos outros, dos homens que vão e vêm comprando comida e jornais. Você pode olhar um pouco pela janela silenciosa e olhar silenciosamente para o jardim no escuro. Então, quando você

chorou, houve sua voz serena; e então, quando você riu, houve sua risada suave. Mas o portão que se abriu à noite permanecerá fechado para sempre; e sua juventude está abandonada, o fogo extinto, a casa vazia (Saputo, *Federalisti europei da ricordare*, 2019, tradução livre).

Natalia sofrera ainda por ser escritora mulher, “as leis raciais de 1938 fizeram com que Ginzburg, de origem judaica, não pudesse usar o seu nome na capa do primeiro romance, *La strada che va in città*” (Pertele, 2012, p.333). Viu-se obrigada a usar o pseudônimo de Alessandra Tornimparte para assinar a publicação. A escritora apresentaria seus romances ao filho Carlo Ginzburg que conta: “Minha mãe foi uma romancista e eu aprendi muito com ela e com seus livros e penso que meu prazer em escrever está relacionado com seu exemplo. Apesar de eu escrever sobre temas históricos, aprendi muito com os romances.” (Extra Classe, 2011).

Continua o historiador refletindo sobre a fruição da ficção e sua força no seu trabalho de pesquisa histórica, sobre o fato dos momentos vividos com seu pai e mãe contribuírem para o que escreve hoje:

Nasci, portanto, nessa família de intelectuais, o que sem dúvida representou um privilégio cultural. Ao mesmo tempo, há o fato de que éramos judeus e de que, um pouco devido à guerra, conservei uma lembrança muito nítida da perseguição sofrida. Tenho assim essa dupla marca. Não chega a ser uma ambiguidade, no fundo é algo muito ligado à questão judaica, comum aos intelectuais judeus (Ginzburg, 1990, p. 255).

Percebemos Ginzburg se afirmar enquanto intelectual judeu a partir de sua herança familiar, ou seja, sente que tem aquisição e transmissão dessa intelectualidade para ele como um laço de geração. Sobre essa transmissão Claudia Panizzolo afirma, com base nos estudos de Sirinelli (1996, p. 255):

De acordo com Sirinelli (1996), os processos de transmissão cultural são essenciais para se pensar o intelectual, na medida em que ele se ...define sempre por referência a uma herança, como legatário ou como filho pródigo (p.255), ora através de um fenômeno de intermediação. Ora por um processo de ruptura, mas de qualquer forma o patrimônio herdado dos mais velhos é “elemento de referência explícita ou implícita” (Sirinelli, 2011, p.83).

Na trajetória posta pelo próprio historiador, desde criança sonhava em ser escritor, “[...] ao iniciar meus estudos na Scuola Normale, em Pisa, pensava em trabalhar com história da literatura, tornar-me um literato” (Ginzburg, 1990, p.2). Essa era a primeira certeza que Ginzburg tinha:

escrever. Porém o que vai caracterizar o que será produzido por ele, se desenvolve no seu ensino superior.

Segundo Michel de Certeau, “toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural.” (Certeau, 2011, p.66). A história de Ginzburg não é diferente, começou por sua paixão a literatura. O historiador antes mesmo de escolher a história passou pelo campo da arte, mas sempre soube que seu maior interesse era escrever, incentivado pela sua mãe, passou a estudar história da literatura:

Por volta da metade dos anos 50, eu lia romances; nem me ocorria a ideia de me tornar historiador. Lia também Lukács, impacientando-me com o modo como falava de Dostoiévski e Kafka. Pensava que gostaria de me dedicar a textos literários, subtraindo-me à aridez do racionalismo e aos pântanos do irracionalismo (Ginzburg, 2011, p.7)

A literatura, ou melhor, os escritos literários são presentes em suas produções acadêmicas. Ginzburg conta que essa narrativa pode ser extremamente valiosa, podendo ser usada na construção de uma imagem crítica de uma dada sociedade. Os seus estudos estão inseridos na história cultural, onde o historiador faz um desdobramento metodológico, tendo assim uma diversidade de leituras e representações do passado.

Outra questão é acerca dos motivos do historiador sobre escolher os temas de suas pesquisas. Em entrevista à revista Estudos Históricos, em 1990, concedida à historiadora Ângela de Castro Gomes, Ginzburg falou a respeito da sua formação, obras e relevâncias dadas por ele a temas históricos ligados à religião. Foi perguntado sobre seu recorte em torno dos estudos sobre feitiçaria:

A.G. - Por que a escolha das feitiçarias como tema de estudo?

C.G. - Certamente pesou nessa escolha a ideia de que os fenômenos religiosos são importantes. [...]. Havia ainda outro elemento muito profundo em meu interesse pelas feitiçarias: a fascinação pelos contos de fadas que minha mãe lia quando eu era criança (Ginzburg, 1990, p. 257).

A sua motivação para o estudo religioso e o seu interesse em estudar esse tema é herdada pela subjetividade vivida pelos seus pais, onde se tinham uma postura envolvida nas premissas do marxismo, mas, para além disso, percebemos um envolvimento na temática que de alguma maneira perpassa pelo seu íntimo e de sua família, já debatido anteriormente, acerca do seu interesse em rememorar marcas que foram vividas por Ginzburg.

## TRAJETÓRIA ACADÊMICA

Ginzburg começou seus estudos na instituição pública de ensino superior, *Scuola Normale Superiore di Pisa*, na Itália. Segundo ele, era uma instituição extremamente seleta do ponto de vista cultural, com um concurso de admissão rigoroso. O historiador frequentava a Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade de Pisa, visto que seu objetivo era de fato se tornar um literato. Mas seu desejo passa por momentos que o levam a outro caminho. As relações com professores são as principais motivações para esta alternância. A partir de um seminário, seu olhar para a história passa a se desenvolver:

E havia um seminário de um professor que ensinava em Florença chamado Delio Cantimori, um dos historiadores mais importantes da Itália. Ele ia passar uma semana em Pisa, e disse que iria ler e comentar a obra de Burckhardt, *Considerações sobre a história do mundo* (Ginzburg, 1990, p.255).

O professor Cantimori levou a sala de aula uma obra para o exercício com seus alunos de comparação das traduções. Cantimori trouxe diversas problematizações e isto marcou Ginzburg: “Aquela maneira de ler o texto levantando uma multiplicidade de problemas foi algo que me pareceu realmente magnífico” (Ginzburg, 1990, p.256). Depois de um ano, em 1959, Ginzburg resolveu estudar História.

Houvera outro profissional ligado à sua decisão de estudar história: o professor e historiador medievalista Arsênio Frugoni. O primeiro a incentivar Ginzburg de fato a estudar História ainda quando ele estava na literatura, percebemos uma similaridade entre os dois profissionais. Delio Cantimori era um intelectual italiano de trajetória ideológica controversa e complexa, o qual viveu em meados do século XX, seus estudos estavam relacionados a religião (Xavier, 2015). Segundo Felipe Xavier:

Cantimori se empenhou em decifrar a relação entre as crenças, as sensibilidades religiosas e as ações dos homens nos seus projetos religiosos e políticos, que tinham como objetivo a consolidação de uma cultura elevada, para, então, atingir o almejado Estado Moderno (Xavier, 2015, p.12).

Já Arsênio Frugoni conhecido pelo seu trabalho que tinha como foco os princípios religiosos, nas palavras do Ginzburg, “autor de um livro sutil e inteligente sobre um herege queimado pela Igreja Romana no século XII” (Ginzburg, 1990, p.257). O que nos chama atenção, é que ambos estudam objetos ligados à religião, que envolviam sujeitos condenados à heresia pela inquisição. Ginzburg, em entrevistas e falas sobre os dois professores, não cita a contribuição dos estudos feitos pelos mesmos para os seus próprios trabalhos, mas fica notório como estes encontros estão atravessados em suas escritas posteriores sobre religião.

Professor Frugoni deu a Ginzburg um ensaio *A História da Europa* (1965), obra do filósofo, historiador e político Benedetto Croce, este foi o seu primeiro livro de história lido.

Aliás, faço parte da última geração na Itália que leu realmente Croce. Depois disso, não se leu mais. E isso foi importante para mim, mesmo que eu não goste de Croce. Há coisas boas nele, mas faço uma história totalmente diferente da que ele propõe (Ginzburg, 1990, p 256).

O historiador Italiano Croce, citado por Ginzburg, é um dos historicistas de destaque ao longo do tempo e escreveu algumas obras importantes na articulação da história e da filosofia da história, tais como: *Estetica come scienza dell'espressione e linguistica generale* (1902), *Logica come scienza del concetto puro* (1909), *Filosofia della practica, Economia ed etica* (1909) e *Teoria e storia della storiografia* (1917). Os trabalhos de Croce viveram inseridos no debate dos séculos XIX e XX a respeito de indagações sobre a epistemologia da história, debruçou-se sobre a problemática da História ser ou não uma ciência.

Segundo Ginzburg, Arsênio Frugoni foi uma grande contribuição para Ginzburg, talvez pela forma como exercia o ofício de historiador. No final dos anos 50, o professor já demonstrava ideias que concordavam com os Annales e seguia por um caminho mais próximo da história das mentalidades do que as abordagens tradicionais presentes naquele momento da Itália, lembrado por Ginzburg como peça-chave para seu aprendizado:

Quando comecei a aprender o ofício, pelo final dos anos 50, a atitude que prevalecia na academia era completamente diferente. Escrever, contar a história não era considerado um tema de reflexão sério. Lembro-me de uma só exceção: Arsenio Frugoni, que em seus seminários de Pisa voltava de vez em quando, como entendi mais tarde, ao tema do caráter subjetivo das fontes narrativas com que se deparara poucos anos antes em *Arnaldo da Brescia* (Ginzburg, 2007, p. 7)

O modo como esse professor exercia sua escrita histórica já era diferente da perspectiva existente naquele momento na Itália, Frugoni conhecia a Escola Francesa dos Annales e já permeava por esta. Vendo o quão rico era este meio, decidiu apresentar ao Ginzburg, em 1958, o autor Marc Bloch:

Frugoni me propôs (eu estava no segundo ano da universidade) preparar um colóquio sobre os Anais, comecei a ler Marc Bloch. Em *métier d'historien* [Apologia da história ou ofício do historiador], topei com uma página que muito mais tarde me ajudou, sem que eu tivesse plena percepção, a refletir sobre os

rastros. Mas naqueles anos os historiadores tampouco falavam de rastros (Ginzburg, 2007, p. 8).

Ginzburg ficou impressionado com a leitura que estava sendo feita dos *Annales* e, como dito na citação acima, esse contato ajudou em momentos posteriores. Fica posto que Marc Bloch contribuiu também para a sua formação. Importante também debater que o contexto em que Ginzburg estava inserido permeia o marxismo como ideia instalada no cotidiano da Itália durante o séc. XX, Ginzburg comenta sobre a contribuição de Eric Gombrich, que dirigiu o Instituto Warburg:

Lembro-me do momento em que comecei a ler suas cartas da prisão: era 1957, eu estava terminando o colégio, e foi muito marcante. Depois conheci Cantimori, que havia sido membro do Partido Comunista e tinha traduzido o primeiro volume de *O capital* como dever de mililância. Cantimori talvez tenha sido o historiador comunista mais importante depois da guerra. Li Hegel e Marx no curso de um intelectual comunista chamado Cesare Luporini, uma figura interessante. Evidentemente, isso também me marcou (Ginzburg, 1990, p 259).

Assim, o historiador teve experiências que contribuíram e culminaram para seu crescimento erudito, como o próprio Ginzburg destacou acima.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que o texto apresentado é o mínimo do cotidiano do historiador Ginzburg. Mas buscamos destacar como as trajetórias de seus progenitores foram essenciais na sua elaboração de ser intelectual, bem como suas vivências, inclusive vivências chegadas pelas memórias, o marcaram, contribuindo para que fosse ao encontro de uma outra historiografia, o que o levou, em certo sentido, à construção de sua metodologia, mudando a escrita da História.

Ginzburg já no seu primeiro ensaio, *Os Andarilhos do Bem*<sup>4</sup>, de 1966, chama atenção de seus pares ao analisar processos do Santo Ofício, envolvendo um culto através de fontes do próprio Santo Ofício. Em 1976, o historiador traz nova obra, talvez, a mais famosas de todos os seus trabalhos, trata-se do *Queijo e os Vermes*<sup>5</sup>, um livro que perpassa o campo da universidade, uma pesquisa que envolve a micro-história e as premissas do Paradigma Indiciário. Em *O Queijo e os Vermes*, Ginzburg mais uma vez, estuda documentos inquisitoriais, sendo o moleiro

---

<sup>4</sup> GINZBURG, Carlo. **Os andarilhos do bem**: feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

<sup>5</sup> GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Menocchio o grande destaque. Já em 1989, em *História Noturna*<sup>6</sup>, Ginzburg oferece esse livro à memória de sua mãe e de seu pai, no qual presenciamos o historiador indo de encontro ao Sabá.

Não podemos deixar de observar que temas envolvendo bruxaria, caça-as-bruxas e feitiçaria estão muito presente nos trabalhos acadêmicos do historiador, especulamos que talvez a perseguição sofrida pelo seu pai, entre outros acontecimentos experimentados pelo historiador, tenha o levado a tais seleções temáticas.

Jacques Le Goff indica a ligação entre memória e história, “tal como o passado não é a história, mas o seu objeto, também a memória não é a história, mas um dos seus objetos e, simultaneamente, um nível elementar de elaboração histórica” (Le Goff, 2013, p.51). A memória é usada para reedificar vivências a partir de ressignificações pessoais. Ainda segundo Le Goff, “a memória, a qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro” (Le Goff, 2013, p.437).

A memória se torna participante da geração de identidade, conduzindo o historiador a incorporar aspectos experimentados no passado. Isto se torna presente nas pesquisas realizadas por Ginzburg que engloba, muitas vezes, estudos de sujeitos perseguidos, porém trata-se apenas de hipóteses e deduções, o próprio historiador em entrevistas já expostas nos indica outros motivos que culminaram suas escolhas.

A relação com sua mãe escritora, que lhe apresentou à literatura, também é uma forte e importante hipótese para o seu apetite em escrever. Outra questão pertinente se relacionou à sua formação e convívio com professores expostas anteriormente, decisivos na escolha do historiador em relação à sua carreira profissional.

### Referências Bibliográficas

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

**Federalisti Europei Da Ricordare**, - Giulio Saputo, Fevereiro, 2019. Disponível em: <https://www.eurobull.it/un-ricordo-di-ginzburg-a-75-anni-dalla-morte?lang=fr>. Acesso em 22/04/23

**Folha de São Paulo**, São Paulo - SP, Setembro. 2002. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0109200204.htm>> Acesso em 25/07/2023.

---

<sup>6</sup> GINZBURG, Carlo. **História noturna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

FRAGA, César. O verdadeiro, o falso e o fictício. **Extra Classe**, Porto Alegre - RS, Março/2011. Disponível em: <http://historiaupf.blogspot.com/2011/03/entrevista-carlo-ginzburg.html> Acesso em 23/05/2023.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. Tradução de Rosa Freire d’Aguilar e Eduardo Brandão - São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

História e cultura: Conversa com Carlo Ginzburg. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro. vol. J, n. 6, 1990, p254 -263. Disponível em: <[https://nei.ufes.br/sites/nei.ufes.br/files/Hist%c3%b3ria%20e%20cultura\\_Conversa%20com%20Ginzburg.pdf](https://nei.ufes.br/sites/nei.ufes.br/files/Hist%c3%b3ria%20e%20cultura_Conversa%20com%20Ginzburg.pdf)> Acesso em: 02/08/2023.

HORVAT, Patricia. **A História como Arte em Benedetto Croce**. In: Anais do XXIV Simpósio Nacional de História - História e Multidisciplinaridade: 2007, São Leopoldo.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2013.

MUNIZ, Durval Albuquerque Júnior. **O Caçador De Bruxas: Carlo Ginzburg E A Análise Historiográfica Como Inquisição E Suspeição Do Outro**. Revista De História; João Pessoa, Jul./Dez.2009. Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/11470/6582>. Acesso em 03/04/2023.

SAPUTO, Giulio. **UN RICORDO DI GINZBURG A 75 ANNI DALLA MORTE**. Federalisti europei da ricordare, 14 de fevereiro, 2019. Disponível em: <https://www.eurobull.it/un-ricordo-di-ginzburg-a-75-anni-dalla-morte?lang=fr> Acesso em: 10/12/2023.

Xavier, F. A (2015). Tese: **A Trajetória Intelectual de Delio Cantimori: Escritos Políticos, História e Historiografia (1904-1966\_** Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós Graduação em História, Juiz de Fora. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/365> Acesso em 22/08/2020. Acesso em 02/03/2023

**LEONE, NATÁLIA E CARLO: TRAJETÓRIA, MEMÓRIA NA ESCOLAS DO  
HISTORIADOR GINZBURG**

**RESUMO**

O artigo traz reflexões trabalhadas na pesquisa de trabalho de conclusão de curso, sob o título: *Ginzburg e o paradigma indiciário: capítulos da construção de um método de investigação histórica*, concluída em 2021, na Universidade Estadual do Ceará. Nela, buscou-se problematizar a metodologia posta por Carlo Ginzburg, chamada de “Paradigma Indiciário”. O objetivo deste artigo é desenvolver uma possível trajetória do autor. A trajetória de vida se caracteriza pela união de eventos que constituem a vida de uma pessoa e pode ser apresentada pela frequência dos acontecimentos. Neste trabalho, tal trajetória foi elaborada a partir de documentos das vivências familiares e acadêmicas, um conjunto de leituras que foram importantes para a compreensão das suas escolhas temáticas de pesquisa. Para nós a trajetória não se separa da produção intelectual do mesmo e nos faz perceber permanências e escolhas do autor em seus trabalhos acadêmicos.

**Palavras-chave:** Trajetória. Ginzburg. Historiador. Paradigma.

**LEONE, NATÁLIA AND CARLO: TRAJECTORY, MEMORY IN THE SCHOOLS OF  
THE HISTORIAN GINZBURG**

**ABSTRACT**

*The article brings reflections worked on in the course conclusion work research, under the title: Ginzburg and the evidentiary paradigm: chapters in the construction of a method of historical investigation, completed in 2021, at the State University of Ceará. In it, we sought to problematize the methodology proposed by Carlo Ginzburg, called “Indiciary Paradigm”. The objective of this article is to develop a possible trajectory of the author. The life trajectory is characterized by the union of events that constitute a person's life and can be presented by the frequency of events. In this work, this trajectory was drawn up based on documents from family and academic experiences, a set of readings that were important for understanding his thematic research choices. For us, the trajectory is not separated from his intellectual production and makes us perceive the author's permanence and choices in his academic works.*

**Keywords:** Trajectory. Ginzburg. Historian. Paradigm.

**LEONA, NATÁLIA Y CARLO: TRAYECTORIA, MEMORIA EN LAS ESCUELAS DEL  
HISTORIADOR GINZBURG**

**RESUMEN**

*El artículo trae reflexiones trabajadas en el trabajo de conclusión del curso de investigación, bajo el título: Ginzburg y el paradigma probatorio: capítulos en la construcción de un método de investigación histórica, finalizado en 2021, en la Universidad Estadual de Ceará. En él buscamos problematizar la metodología propuesta por Carlo Ginzburg, denominada "Paradigma Indiciario". El objetivo de este artículo es desarrollar una posible trayectoria del autor. La trayectoria de vida se caracteriza por la unión de eventos que constituyen la vida de una persona y puede presentarse por la frecuencia de los eventos. En este trabajo, esa trayectoria fue trazada a partir de documentos de experiencias familiares y académicas, un conjunto de lecturas que fueron importantes para comprender sus elecciones temáticas de investigación. Para nosotros, la trayectoria no se separa de su producción intelectual y nos hace percibir la permanencia y elecciones del autor en sus trabajos académicos.*

**Palabras clave:** Trayectoria. Ginzburg. Historiador. Paradigma.